

## Rússia chega a a Kiev e exige queda do governo da Ucrânia



**MARCELO RECH**

rechmarce@gmail.com

### Tempos soturnos

*Num soturno dia do outono russo de 1991, nos estertores do soturno império soviético, fui até a estação de Kiesvki, em Moscou, e tomei um trem um tanto decadente, como todo transporte na Rússia de então, para a capital da Ucrânia. O estrago econômico do regime comunista era tão profundo que uma cabine inteira de primeira classe custava US\$ 3 – metade do salário de um professor universitário. Comprei uma só para mim e amanheci em Kiev para, como repórter de Zero Hora e da Rádio Gaúcha, testemunhar o surgimento de um país.*

*Dali a uns dias, em 1º de dezembro de 1991, nada menos do que 92,3% dos ucranianos viriam a referendar a declaração de independência que deu constituição e forma ao que já era há séculos uma nação com identidade, cultura, história e religião próprias. Naqueles dias em Kiev, entrevistei noivos prestes a casar, imigrantes de outras repúblicas, comunistas pretensamente arrependidos, estudantes e políticos que moldavam a nova Ucrânia. Entrei em casas de família e compartilhei pratos típicos, como a sopa borscht e panquecas de queijo precedidas de doses de vodca que pareciam fazer aumentar a euforia com um futuro de liberdade e prosperidade.*

*Apesar das manchas urbanas com a soturna arquitetura soviética, Kiev já era uma cidade resplandecente, pontilhada de cúpulas douradas, mosteiros coloridos e monumentos a seu passado glorioso e sofrido. Mais de duas décadas depois, no verão de 2012, quando voltei a uma metrópole moderna, assisti aos primeiros acordes da Revolução da Praça Maidan que expulsaria o governo pró-russo dali a 18 meses. Em um evento com o presidente Viktor Yanukóvytch presente, vi agentes infiltrados na plateia agirem rapidamente para deter manifestantes que levantavam cartazes pedindo liberdade de imprensa. Era a evidência de que a Ucrânia deixara o império russo para trás, mas o longo braço do Kremlin não a deixaria verdadeiramente livre, como foi escancarado na madrugada deste 24 de fevereiro de 2022.*

*Ao contrário do que a máquina de propaganda do Kremlin apregoa, a Ucrânia é um país e uma nação tragicamente forjados no sangue derramado contra inimigos externos e internos, como na Segunda Guerra, quando insurgentes combateram tanto nazistas como comunistas. Dez anos antes, no início da década de 30, Stalin havia deixado mais de 4 milhões de ucranianos morrerem de fome. Depois, na brutal ocupação nazista, 28 mil vilas foram destruídas e mais de 5 milhões foram mortos, entre os quais 1,5 milhão de judeus. Parte da história da tibieza humana, não faltaram também colaboracionistas para agir em ambos os lados.*

*O soturno Putin agora apenas dá sequência às ambições de seus antecessores no Kremlin e às suas próprias, e é provável que, quando os combates cessarem, não venham a escassear governantes fantoches que restabeçam o domínio do império. Uma Ucrânia livre não pode dar ideias à Rússia.*

*A Ucrânia é um país e uma nação tragicamente forjados no sangue derramado contra inimigos externos e internos, como na Segunda Guerra*



MARTA SFREDO

marta.sfredo@zerohora.com.br

Com Camila Silva | camila.silva@zerohora.com.br

# Putin se blindou contra sanções

Pressionado de todos os lados por uma escalada de sanções econômicas, o presidente russo, Vladimir Putin, acelera seus exércitos para ir às últimas consequências: depor Zelensky e colocar em seu lugar um governo pró-russo. Mas por que as punições se avolumam e Putin nem pisca?

Porque se preparou para as consequências da ofensiva. A principal foi o reforço das reservas cambiais. Conforme dados do Banco da Rússia, o BC do país, o estoque de divisas decolou de US\$ 360 bilhões, em fevereiro de 2015, para o nível atual, de US\$ 630,2 bilhões. Depois da anexação da Crimeia, em 2014, quando as sanções internacionais se intensificaram, o país quase dobrou o valor guardado em moeda estrangeira.

Para ter uma ideia mais precisa do que isso significa, é bom comparar. No ranking do Banco Mundial de 2020 (os dados de 2021 só serão atualizados em meados deste ano), a Rússia é a 11ª economia, com PIB de US\$ 1,483 trilhão, e o Brasil é a 12ª, com PIB de US\$ 1,444 trilhão. Ou seja, as produções têm tamanhos equivalentes. Mas no último dado disponível no Banco Central (BC), o Brasil tem reservas de US\$ 357,9 bilhões – volume que provoca debates entre economistas por ser considerado acima das necessidades.

País	PIB	Reservas
Rússia	US\$ 1,483 tri	US\$ 630,2 bi
Brasil	US\$ 1,444 tri	US\$ 358,7 bi

Putin também construiu uma blindagem dourada: em fevereiro de 2015, tinha o equivalente a US\$ 46,79 bilhões em ouro. O dado mais recente do BC russo, de 31 de janeiro passado, mostra uma montanha de US\$ 132,26 bilhões, quase três vezes maior. Uma das preocupações do presidente russo no primeiro dia de ataques, já sob sanções anunciadas na véspera, foi

garantir aos empresários russos que tem US\$ 53 bilhões só para fazer frente às sanções.

Conforme Mauro Rochlin, professor dos MBAs da Fundação Getúlio Vargas (FGV), foi a alta nos preços do petróleo que permitiu a Putin forjar sua blindagem a sanções:

– A Rússia surfou na onda do petróleo nas duas últimas décadas.

Mas pondera que, quando se fala em economia, fala-se mais de fluxos, não de estáticas:

– Os fluxos financeiros mudam ao sabor dos acontecimentos. Pode ser que a guerra, em termos econômicos, não represente o que de melhor a Rússia pode esperar.

No curtíssimo prazo, porém, a blindagem funciona e deixa Putin livre, conforme Rochlin, para que vá “às últimas consequências”:

– Sabendo que não haverá reação militar do Ocidente, vai querer ocupar o território e instalar um governo títere, transformar a Ucrânia em um país-satélite alinhado à Rússia, uma espécie de filho de Putin – ironiza Rochlin.

Segundo o economista, graduado pela UFRJ e mestre em Relações Internacionais pela PUC-Rio, para o Brasil a crise entre Rússia e Ucrânia pode resvalar por dois canais. O primeiro é o do preço das matérias-primas como petróleo e gás, mas também trigo e milho, duas commodities agrícolas que têm forte produção nos dois países.

– Isso significa impactos possíveis em gasolina, diesel, pão, macarrão, mas como também haverá impacto sobre ração animal, pode chegar ao frango e à carne.

O segundo é o aumento do dólar, como se viu não só no Brasil, invertendo trajetória de queda, mas frente a quase todas as moedas.

– Com essa situação, sobe a incerteza e a aversão ao risco dos investidores. O dólar mais caro provoca mais aumento de preços internos, reforçado pela alta das commodities.

## “Cura” da pandemia

Após um período difícil para o setor hoteleiro, uma rede gaúcha comemora a “cura” da pandemia: alta de 51% no faturamento e de 20% na taxa de ocupação em 2021. A fórmula foi apostar no turismo doméstico e manter gestão firme de custos e pessoas. Os bons resultados do ano passado dão à ICH Administração de Hotéis (Intercity Hotels/ Yoo2/ Tru by Hilton) a perspectiva de aumento de 21% na taxa de ocupação em 2022. A expectativa é de que ainda fique 8% abaixo do nível de 2019, pré-pandemia, porque o mercado de grandes eventos ainda está no início da retomada. Para o faturamento, a projeção é de nova alta de 36% em relação a 2021. Em março, a ICH abre as portas do primeiro Tru by Hilton no Brasil (foto), em Criciúma (SC).



**A TÉRMICA PAMPA SUL, DA ENGIE, QUE SÓ PODIA OPERAR ENTRE 50% E 100% DA CAPACIDADE DE 345 MEGAWATTS POR RESTRIÇÕES NO SISTEMA DE TRANSMISSÃO NO ESTADO, RECEBEU PERMISSÃO PARA SE CONECTAR À SUBESTAÇÃO CANDIOTA 2, OBRA DE REFORÇO CONCLUÍDA HÁ POUCO. AGORA, PODE FUNCIONAR A PLENO.**

# R\$ 5,156

foi o fechamento do dólar na sexta-feira, resultado de alta de 0,991%. Como a moeda americana vinha de forte queda, ainda acumula baixa de 2,8% em fevereiro. No segundo dia de guerra entre Rússia e Ucrânia, a incerteza sobre os desdobramentos do conflito falou mais alto.

# Bens serão congelados

A União Europeia (UE) confirmou nesta sexta-feira que irá congelar quaisquer bens europeus do presidente da Rússia, Vladimir Putin, e de seu ministro das Relações Exteriores, Serguei Lavrov. O alto representante da UE para a política externa, Josep Borrell, confirmou a informação que integra um segundo pacote de punições pela invasão da Ucrânia.

Borrell explicou que os ativos de Putin e Lavrov na UE serão congelados, mas não detalhou a medida. Segundo ele, as potências ocidentais intensificarão esforços para denunciar ao mundo a ofensiva de Moscou.

— Estamos cortando acesso da Rússia aos principais mercados de capitais — acrescentou.

Borrell afirmou também que o segundo pacote de sanções contra a Rússia pela invasão da Ucrânia não inclui o desligamento do país do sistema bancário global Swift. No entanto, o diplomata evitou descartar qualquer medida:

— Isso segue como uma possibi-

lidade para considerações futuras.

A França é a favor de excluir a Rússia do sistema, mas outros Estados europeus têm “reservas” sobre o uso dessa “arma nuclear financeira” — afirmou o ministro das Finanças francês, Bruno Le Maire, nesta sexta-feira:

— Alguns países da UE demonstraram reservas, mas a França não é um desses Estados — informou Le Maire à imprensa.

Até agora, o Ocidente não conseguiu chegar a um acordo sobre a adoção de sanções extremas contra a Rússia, recusando-se a excluir a desse mecanismo essencial em nível mundial. Vários países europeus, incluindo a Alemanha, temem um impacto no fornecimento de gás russo.

— A suspensão do Swift teria grandes repercussões para as empresas alemãs em suas relações com a Rússia, mas também para fazer pagamentos de entrega de energia — disse o porta-voz do governo alemão, Steffen Hebestreit, no mesmo dia.

Swift, sigla para Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication, é uma empresa com sede em Bruxelas, sujeita às leis belga e europeia. Fundada em 1973, é uma das mais importantes redes de transações bancárias e financeiras, que permite a liquidação interbancária entre instituições financeiras de todo mundo. De acordo com o site da associação nacional russa Rosswift, a Rússia é o segundo país, depois dos Estados Unidos, em número de usuários desse sistema, com cerca de 300 bancos e instituições membros.

## Deboche

Em Moscou, a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores russo, Maria Zakharova, zombou da UE e declarou que “as sanções contra o presidente e o ministro das Relações Exteriores são um exemplo e uma demonstração da impotência total de vossa própria política externa”.

# Moscou ameaça Suécia e Finlândia

A porta-voz do Ministério das Relações Exteriores russo, Maria Zakharova, afirmou, nesta sexta-feira, que possíveis ingressos de Finlândia ou Suécia na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) teriam “sérias repercussões militares e políticas”.

A representante afirmou que “todos os Estados membros da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) em sua capacidade nacional,

incluindo Finlândia e Suécia, reafirmaram o princípio de que a segurança de um país não pode ser construída à custa da segurança de outros”.

No mesmo dia, representantes dos dois países europeus se reuniram com o conselho da Otan, que soma forças militares de países ocidentais.

A aliança está no centro da crise, uma vez que uma das exigências da Rússia sobre a Ucrânia antes da

invasão era de que o país vizinho não se juntasse ao bloco, alegando questão de segurança.

## EUA

Nos EUA, o presidente Joe Biden anunciou reforço para as tropas da Otan na Europa. Biden ressaltou que defenderá o artigo 5º dos membros da Otan, que cita que, caso um dos países do bloco seja atacado, os outros irão revidar.

# O objetivo é punir, não derrubar, diz especialista

HUMBERTO TREZZI  
humberto.trezi@zerohora.com.br

O Ocidente abriu mão das armas e decidiu contragolpear a ocupação russa da Ucrânia com um velho método, as sanções econômicas. Na quinta-feira, britânicos e norte-americanos congelaram ativos financeiros de bancos e indústrias do país governado por Vladimir Putin.

Os bloqueios incluem grandes empresas do complexo militar e de transportes, como Aeroflot (aérea), Rostec (armamentos), UAC (aviões), United Shipbuilding Corporation (mísseis táticos), Uralvagonzavod (maior fabricante de carros de combate do planeta) e VTB (banco).

Especialistas consultados por GZH têm dúvidas. Sanções, embora importante forma de pressão, não costumam derrubar governos autoritários ou populistas. Nem fazê-los recuar muito.

— Os Estados Unidos estão introduzindo controles de exportação nas indústrias de defesa, aeroespacial e marítima da Rússia. Muitas delas ligadas a oligarcas amigos de décadas do presidente russo Vladimir Putin. Essas medidas afetam computadores, semicondutores, equipamentos de segurança da informação. Mas o presidente Biden diz que as medidas podem levar um mês para surtir efeito. A Ucrânia consegue suportar um mês? — pondera Nelson Düring, editor do site *Defensanet.com.br*, especializado em questões militares.

Düring, que tem fontes na indústria armamentista russa, diz que eles temem ser prejudicados a longo prazo, por não receberem valores de vendas. Mas aí a situação na Ucrânia estará consolidada.

## História

Exemplos clássicos de resistência a sanções são Coreia do Norte (desde 1950), o Irã (convive com bloqueios econômicos desde 1980), Síria (desde 2011), Cuba (desde 1960) e Venezuela (desde 1998). Todos os regimes permanecem no poder, mesmo com períodos de enfraquecimento econômico. Contribui para isso o discurso de união nacional contra um inimigo comum. Via de regra, os Estados Unidos, ponderam analistas.

Já o Iraque e a Líbia tiveram seus tiranos depostos, mas não por causa das sanções. Saddam Hussein conviveu por 20 anos

com bloqueios econômicos do Ocidente e só caiu por invasão estrangeira. Muamar Kadafi governou a Líbia por quatro décadas, a ferro e fogo. Foi banido como terrorista pelas nações ocidentais. Enfrentou as mais pesadas sanções já impostas a um país do Oriente Médio. Não caiu por isso, até porque se reaproximou do Ocidente. Foi deposto por uma revolta popular armada, interna, não diretamente relacionada a represálias econômicas.

O objetivo das sanções é punir, não derrubar, ressalta Eduardo Svartman, professor do Departamento de Ciência Política da UFRGS e presidente da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (Abed).

— Não há disposição dos membros da Otan para uma reação militar para defender a Ucrânia. Tanto EUA, quanto Alemanha e França, deixaram isso claro.

Svartman ressalta que, a julgar pelo discurso de Putin, ele se preparou contra sanções:

— Recorre cada vez menos à dolarização e mais ao ouro. Apostou no yuan chinês e se aproximou diplomaticamente da China. Tanto que as ameaças não dissuadiram os russos de invadir a Ucrânia. Parecem dispostos a suportar o custo econômico que vem por aí.

## Aliados

Na prática, a Rússia fará cada vez menos negócios com o Ocidente e mais com países de sua órbita política. Ou seja, todas as ex-repúblicas soviéticas, um grande mercado consumidor e fornecedor. E também com novas frentes econômicas, como a aberta pela política de tolerância mútua com a China.

Em análise divulgada nas redes sociais, o professor Stephen Wertheim, pesquisador do Fundo Carnegie para a Paz Internacional e professor visitante da Universidade Yale, dos EUA, alerta que não só os russos têm a perder. Em rede social, ele é taxativo: o Ocidente também pode sofrer represálias russas no campo do petróleo, gás natural e alimentos, levando preços “para a estratosfera”.

A Rússia é o maior fornecedor de gás à Europa e exporta minérios como níquel e paládio, além de trigo e outras commodities.

E a Ucrânia? Provavelmente terá um governo mais próximo aos russos, até porque esta guerra parece ser do tipo relâmpago.



Tanque russo passou por cima de um carro que estava em uma das ruas do norte de Kiev

CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU

## Brasil é a favor, mas Rússia veta resolução contra invasão

Uma resolução no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), que condena a agressão russa na Ucrânia, pede a retirada de forças militares e a possibilidade de assistência humanitária no país, foi vetada na sexta-feira pela Rússia.

Como um dos cinco integrantes permanentes do organismo, Moscou utilizou seu poder de veto à resolução proposta pelos Estados Unidos com a Albânia. A proposta contou com 11 votos a favor, apenas a oposição russa e três abstenções, incluindo de China e Índia.

O texto foi suavizado horas antes para “garantir” abstenções e impedir que três países votassem contra, segundo um diplomata. A palavra “condenar” foi retirada do texto proposto e substituída por “deplore”, uma referência ao Capítulo 7 da Carta das Nações Unidas, que prevê um possível recurso à força, também suprimido. A resolução pede, ainda, que

a Rússia “revertesse” a decisão de reconhecer a independência das províncias do leste ucraniano de Donetsk e Luhansk, em guerra, uma vez que “viola a integridade territorial”.

A representante dos Estados Unidos, a embaixadora Linda Thomas-Greenfield, foi a primeira a discutir e justificar seu voto — a favor de uma condenação — “Nós temos a obrigação solene de não virar as costas para os ucranianos” — disse Linda.

### Posicionamento

O Brasil votou de forma favorável à resolução. O representante do Brasil na ONU, Ronaldo Costa Filho, afirmou que “estamos muito preocupados” diante de “ameaças sem precedentes à carta da ONU”. O embaixador pediu a busca por solução diplomática, além do imediato fim de hostilidades e a retirada de tropas da Ucrânia. Segundo ele, “uma linha foi cruzada,

o conselho não pode ficar parado” e a “paz na ordem internacional deve ser preservada”.

— O mundo não pode se dar ao luxo de chegar a um ponto sem volta. O Brasil tentou buscar o equilíbrio, ao passo que o uso da força não é aceitável — disse.

Essa foi a primeira vez que o Brasil se manifestou oficialmente contra a invasão russa à Ucrânia. Ao votar a favor da resolução apresentada pelos Estados Unidos, a diplomacia brasileira lamentou que o conselho foi incapaz de reagir às violações do território ucraniano.

— Não é tarde demais para parar essa loucura — pediu o embaixador albanês, Ferit Hoxha, defendendo o texto.

Após a rejeição do Conselho de Segurança, um texto semelhante poderia ser enviado à Assembleia Geral das Nações Unidas, onde as resoluções não são vinculantes e não há direito de veto para nenhum de seus 193 membros.

PLANO DE EVALUAÇÃO

## Trem com brasileiros deixa Kiev em ação da embaixada

Brasileiros residentes na Ucrânia conseguiram deixar Kiev na sexta-feira em um trem que partiu às 17h (horário de Brasília) 22h no horário local da estação central da capital ucraniana com destino à cidade de Chernivtsi, no oeste do país, em uma ação da Embaixada do Brasil na Ucrânia. Ainda na tarde de sexta, o órgão emitiu comunicado afirmando a possibilidade de fugir para a fronteira com a Romênia aos brasileiros que estão em Kiev. Chernivtsi fica a 336 quilômetros da capital, nas proximidades das fronteiras com a Romênia e a Moldávia. O plano de retirada dos brasileiros já havia sido adiantado na quinta-feira pelo secretário de Comunicação e Cultura do Ministério das Relações Exteriores, embaixador Leonardo Gergalich.

Cidadãos brasileiros e latino-americanos que quisessem sair de Kiev poderiam se dirigir à estação sem comprar bilhetes, segundo a embaixada, que solicitou aos cidadãos que avaliassem as condições de segurança para fazer o deslocamento até o local de partida do trem e levarem apenas o essencial, como documentos. A embaixada ainda afirmou que os cidadãos que decidissem escolher essa viagem “farão” por conta e risco próprio”. “A embaixada terá condições mínimas de prestar ajuda durante o trajeto até a fronteira com a Romênia, embora esteja sendo negociada a possibilidade de que o Conselho Regional de Chernivtsi ofereça transporte até a fronteira”, diz o comunicado, que não informou se seriam disponibilizadas novas retiradas.

### Prioritários

A prioridade de embarque nesta sexta-feira foi dada a mulheres, crianças e idosos. Aos que não conseguiram embarcar, a orientação foi que permanecessem em casa, aguardando instruções da embaixada. O Itamaraty também orienta os cidadãos brasileiros a manter contato diário com a representação diplomática.



## A Otan e o temor de que confronto transborde

Mais de 48 horas depois de o mundo assistir à invasão da Ucrânia, o medo agora é de que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) seja tragada para a guerra no Leste Europeu, o que poderia resultar em um confronto direto entre países da aliança militar do Ocidente e a Rússia. Durante toda a sexta-feira, enquanto Kiev sofria intensos bombardeios e tropas russas avançavam pelas ruas enfrentando resistência maior do que o esperado pelo Kremlin, o clima em diferentes partes da Europa era de preocupação com o risco de transbordamento do conflito para além das fronteiras ucranianas.

Na Alemanha, onde Zero Hora fez escala em Frankfurt antes de chegar a Varsóvia (Polônia), o governo planeja oferecer soldados, sistemas de defesa aérea e navios para fortalecer países do Leste Europeu. Seria possível enviar rapidamente militares e blindados para nações como Polônia e Hungria, além de deslocar as embarcações que atualmente estão no Mar Mediterrâneo para a região do Mar Negro. Enquanto a principal economia da União Europeia fazia cálculos sobre o tamanho do apoio, quem tomou a frente foi a Polônia, país vizinho à nação em guerra e com quem divide uma extensa fronteira que se tornou, nas últimas horas, refúgio de milhares de ucranianos em fuga.

O ministro da Defesa polonês, Mariusz Blaszczak, confirmou a remessa de um comboio com munição ao país em guerra, tornando-se o primeiro carregamento de ajuda militar publicamente reconhecido para a Ucrânia desde o início da invasão russa. No entanto, não se sabe o tipo de munição que a Polônia enviou aos ucranianos nem a quantidade.

A mobilização da Otan em apoio à Ucrânia pode melindrar o presidente Vladimir Putin, que já afirmou que "quem tentar interferir (na questão ucraniana) sofrerá consequências nunca vistas".

O presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, conversou



Tropas ucranianas seguiram em combate na região de Luhansk, no leste, nesta sexta-feira

com líderes poloneses na sexta-feira para tentar maior auxílio por parte dos países do Leste Europeu e, assim, levar a Rússia à mesa de negociações. Os governos dessa região nos arredores da Ucrânia (Polônia, Estônia, Letônia e Lituânia) acionaram o artigo 4 da Otan, pelo qual são lançadas consultas entre os membros para uma ação coletiva: "As partes se consultam sempre que, na opinião de qualquer membro, a integridade territorial, a independência política ou a segurança estão ameaçadas", explica a organização, em seu site. Essa ferramenta é diferente do artigo 5, segundo o qual "um ataque contra um membro é entendido como um ataque contra todos".

O secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, disse na sexta-feira que a aliança "fará o que for preciso" para defender todos os seus aliados e "cada centímetro do território da Otan", confirmando que uma Força de Resposta (NRF) foi ativada pela primeira vez em resposta à invasão da Ucrânia pela Rússia.

– Isso vai muito além da Ucrânia, trata-se de como

a Rússia está realmente desafiando e contestando os valores fundamentais de nossa segurança e exigindo que a Otan retire todas as forças e infraestrutura de quase metade de nossos membros – disse Stoltenberg.

– Temos de levar isso a sério, e é exatamente por isso que agora estamos mobilizando a Força de Resposta da Otan pela primeira vez em um contexto de defesa coletiva – acrescentou.

A ativação das tropas de resposta não significa que quaisquer militares dos EUA ou da aliança irão para a Ucrânia. O presidente dos EUA, Joe Biden, até agora, tem deixado claro que não enviará forças americanas para o país em guerra – seus militares estão sendo deslocados a nações vizinhas do Leste Europeu para ajudar a fortalecer os parceiros de Otan temerosos com as ações agressivas da Rússia.

Falando durante uma coletiva de imprensa após uma rara reunião de chefes de Estado e de Governo da Otan em Bruxelas, Stoltenberg esclareceu que, embora os EUA, Canadá e aliados

européus tenham "posicionado milhares de tropas adicionais" para o Leste Europeu, a Otan não está mobilizando toda a força de resposta.

– Temos mais de 100 jatos em alerta máximo, operando em mais de 30 locais diferentes e mais de 120 navios – disse Stoltenberg.

O clima de medo de uma guerra total na Europa (e não circunscrita à Ucrânia) aumentou à noite, quando a Agência de Segurança da Aviação da União Europeia (EASA) decidiu dobrar o tamanho da zona de alerta ao redor da Ucrânia, temendo "mísseis de médio alcance penetrando no espaço aéreo controlado". A entidade disse que a área expandida agora leva em consideração o "risco representado pela ameaça de lançamentos de mísseis de e para a Ucrânia".

A ameaça é real: em 2014, o voo 17 da Malaysia Airlines foi abatido sobre o leste da Ucrânia por um míssil terra-ar, matando quase 300 pessoas a bordo. Autoridades ocidentais e uma investigação liderada pela Holanda disseram que o governo Putin foi responsável pelo incidente. A Rússia nega.

## Polônia: rota de escape para refugiados

No início da noite de sexta-feira, quando ZH desembarcou no Aeroporto Frédéric Chopin, em Varsóvia, havia pouco movimento. A Polônia é uma espécie de caixa de ressonância do que ocorre na Ucrânia – especialmente por ser vizinha à região até agora mais poupada pelos ataques russos, que, em geral, são feitos a partir do Leste (da própria Rússia), do Sul (Crimeia anexada) e do Norte (Belarus). É pelo Oeste que a maioria dos refugiados está fugindo. Culturalmente, Polônia e Ucrânia são muito próximas. A Polónia tem a maior comunidade ucraniana da região, com cerca de 1 milhão de pessoas – espera-se que esse número dobre com a chegada dos refugiados.

As autoridades disseram que o tempo de espera para cruzar a fronteira tem variado entre seis e 12 horas em alguns lugares. Em relação a quem mora aqui, a orientação do governo às famílias é para que mantenham o tanque de combustível do carro cheio e que se tenha dinheiro em espécie em casa. Os valores de saque nos caixas eletrônicos são limitados, principalmente nas regiões próximas à fronteira com a Ucrânia. Mais de 50 mil refugiados deixaram a Ucrânia em menos de 48 horas, informou ontem o alto comissário para refugiados da Organização das Nações Unidas (ONU), Filippo Grandi, em uma publicação nas redes sociais. Segundo o diplomata, a maioria dessas pessoas se dirigiu para Polónia e Moldávia.

**GZH**

Leia outras colunas em [gzh.com.br/rodrigolopes](http://gzh.com.br/rodrigolopes)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Página: 3 e 7